

CAPÍTULO IX

Modelo de desenvolvimento capitalista

Estamos em condições de resumir a análise teórica até agora realizada. A taxa de lucro é variável central de um modelo a longo prazo de desenvolvimento capitalista. Ela irá determinar a taxa de acumulação de capital, a partir da qual toda a dinâmica do sistema capitalista se estabelece, na medida em que eleva o estoque de capital e promove o progresso técnico. Por outro lado a taxa de lucro depende da composição orgânica do capital e da taxa de mais-valia.

A taxa de mais-valia, por sua vez, dado o custo de reprodução da mão-de-obra, depende da repartição do excedente entre lucros e salários. O excedente define-se como a produção que excede o consumo necessário à sobrevivência e reprodução dos trabalhadores. Em um modelo capitalista simples, em que haja apenas capitalistas e trabalhadores, o excedente divide-se entre duas classes. Para os trabalhadores temos os salários e para os capitalistas os lucros. A taxa de salários é definida pelo custo de reprodução da mão-de-obra mais a parcela do excedente que o poder de barganha dos trabalhadores conseguir se apropriar. Como torna-se mais fácil apropriar-se de uma parte do excedente quando este está crescendo, isto significa que a taxa de salários também depende do aumento da produtividade do trabalho. A produtividade do trabalho, finalmente, ao mesmo tempo que aumenta o excedente é função da incorporação do progresso técnico e do aumento do estoque de capital decorrente do processo de

acumulação. Fecha-se, assim, o círculo dos fatores determinantes da taxa de mais-valia.

Por outro lado, como determinante direta da taxa de lucro temos a composição orgânica do capital. Esta também depende da taxa de salários e, adicionalmente, da composição técnica do capital. A composição técnica do capital, por sua vez, depende do aumento da produtividade do trabalho e do tipo de produtividade do capital. A produtividade do capital poderá ser constante (progresso técnico neutro) crescente (poupador de capital) ou decrescente (dispendioso de capital). Em qualquer hipótese é novamente o progresso técnico e a acumulação de capital que irão determinar em última instância a composição orgânica do capital e, afinal, a taxa de lucro.

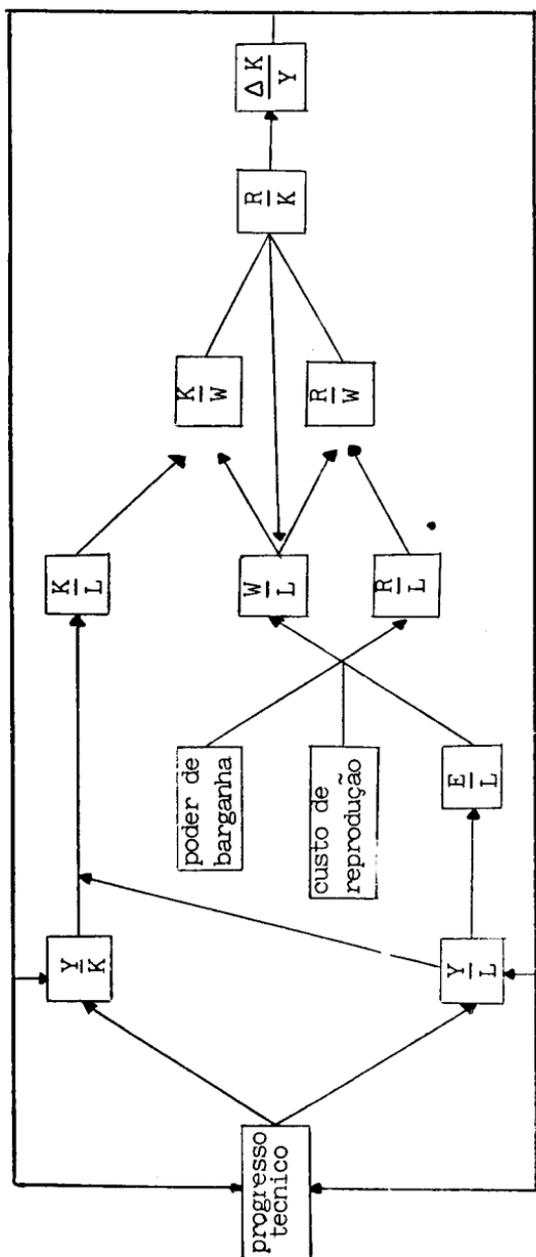
Estas relações aparecem na Figura I de maneira muito simplificada.

O modelo de desenvolvimento capitalista a longo prazo tem caráter aparentemente circular. Na verdade é um processo dialético de causações recíprocas. Na Figura 1 vemos apenas as linhas causais fundamentais.

O progresso técnico tanto se expressa pelo aumento da produtividade do trabalho, Y/L , como pelas variações na produtividade do capital, Y/K . Haverá progresso técnico sempre que Y/L for crescente, podendo a relação produto-capital, Y/K , ser decrescente, constante ou crescente. Dada uma taxa de aumento da produtividade do trabalho, (Y'/L) e a taxa de acumulação de capital, $\Delta K/Y$, que implica aumento do estoque de capital, o progresso técnico dispendioso de capital elevará fortemente a composição técnica de capital, K/L , o progresso técnico neutro elevará menos essa relação, e o progresso técnico poupador de capital poderá mantê-la estável ou mesmo reduzi-la. Manter-se-á estável K/L se Y/K e Y/L estiverem crescendo exatamente à mesma taxa. Entretanto, como a tendência mais normal é para a produtividade do trabalho aumentar rapidamente enquanto a do capital permanece constante ou cresce mais lentamente, a composição técnica do capital tende a aumentar. A relação capital-trabalho e a taxa de salários, W/L , irão determinar a composição orgânica do capital, K/W .

De que depende a taxa de salários, W/L , neste modelo? De três variáveis: da taxa de excedente ou excedente por tra-

FIGURA I
 MODELO DE DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA



balhador, E/L , do salário de subsistência ou custo de reprodução da mão-de-obra, W/L , e do poder de barganha dos trabalhadores.

O custo de reprodução da mão-de-obra obviamente não é um dado meramente biológico. Depende das condições históricas, ou, na expressão de Marx, do “nível de civilização” de cada povo. Corresponde ao consumo necessário dos trabalhadores. O excedente, definido como sendo igual à produção que excede o consumo necessário, é igual à renda menos o total de salários de subsistência:

$$E = Y - \bar{W}$$

Dividindo-se esta identidade pelo número de trabalhadores, temos que a taxa de excedente é igual à produtividade do trabalho menos a taxa de salário de subsistência:

$$\frac{E}{L} = \frac{Y}{L} - \frac{\bar{W}}{L}$$

A taxa efetiva de salários, será maior do que o custo de reprodução da mão-de-obra na medida em que os trabalhadores consigam, graças a seu poder de barganha, apropriar-se de uma parte da taxa de excedente por trabalhador. De fato, a partir da segunda metade do século passado os salários descolam-se do custo da reprodução da mão-de-obra, que agora transforma-se em um parâmetro, mas não no único fator determinante da taxa de salários a longo prazo do sistema capitalista, como pretendiam os clássicos e Marx. A curto prazo a taxa de salários continua dependendo da taxa de acumulação. E o fator limitante fundamental de um crescimento explosivo da taxa de salários nos momentos de auge do ciclo econômico continua sendo o exército industrial de reserva. A política econômica recessiva, reduzindo a demanda agregada, garante que o pleno emprego não seja atingido. Mas o longo prazo a taxa de salários cresce em função do aumento da produtividade do trabalho que se traduz no aumento da taxa de excedente. O poder de barganha dos trabalhadores garante esse aumento desde que não seja afetada a taxa de lucro planejada e considerada satisfatória pelos capitalistas.

Nos termos do modelo desenvolvido no capítulo anterior, a evolução da taxa de salários, a longo prazo, a partir de meados do século passado, sustenta a hipótese de um progresso técnico neutro. Nessas condições a taxa de mais-valia e a taxa de lucro permanecem constantes, distribuindo-se a taxa de excedente proporcionalmente entre lucros e salários. Mais genericamente, para qualquer tipo de progresso técnico, a taxa de salários será a variável dependente enquanto uma taxa de lucro *satisfatória* ou *planejada* e o tipo de progresso técnico serão as variáveis independentes. Se o progresso técnico for poupador de capital a taxa de salários crescerá mais do que o aumento da produtividade; se for dispendioso de capital, a taxa de salários crescerá menos do que a produtividade, podendo, inclusive, apresentar um crescimento negativo; e se for neutro, as taxas de salários e de produtividade crescerão no mesmo ritmo.

Estas relações, que implicam a inversão do modelo clássico sobre os salários na medida em que transforma a taxa de salários ao invés da taxa de lucro em resíduo, aparecem na Figura I através da flexa com direção contrária às demais que liga R/K a W/L . As flexas que relacionam a produtividade da mão-de-obra e o poder de barganha dos trabalhadores com a taxa de salários traduzem o modelo mais geral, em que a taxa de salários é igual ao custo de reprodução da mão-de-obra mais uma parte do excedente por trabalhador. O aumento do excedente por trabalhador dependerá do aumento da produtividade. A parte que caberá aos trabalhadores deste aumento de excedente dependerá do poder de barganha dos trabalhadores. Aceita a hipótese de que os capitalistas cedem aos trabalhadores até o ponto em que sua taxa de lucro planejada ou satisfatória não é afetada, voltamos ao modelo básico e mais específico do capítulo anterior, em que a taxa de salários passa a depender da produtividade do trabalho e do tipo de progresso técnico, dada uma taxa de lucro constante.

A longo prazo, portanto, a taxa de salários depende basicamente da taxa de crescimento do excedente, a qual por sua vez depende diretamente da taxa de crescimento da produtividade do trabalho e da capacidade política dos trabalhadores de exigirem que uma parcela do excedente em crescimento lhes seja atribuída, mantida constante a taxa de lucro.

Dada a taxa de salários, W/L , temos, nos termos do

modelo da economia política clássica, o lucro por trabalhador, R/L , como um resíduo, já que os lucros estão aqui definidos como sendo iguais à renda menos os salários. Nos termos do modelo que estamos propondo, basta inverter a relação, colocando uma determinada taxa de lucro considerada satisfatória pelas empresas oligopolistas como variável exógena e teremos a taxa de salários como resíduo.

Convém assinalar que esta análise só é válida a longo prazo, abstraídos os ciclos econômicos. Neste caso, o produto por trabalhador está crescendo sempre, em função da acumulação de capital e do progresso técnico. O que interessa é o movimento da oferta, que, em princípio, encontra-se em equilíbrio com a demanda agregada. Já no curto prazo, quando as flutuações da demanda em relação ao produto são fundamentais, a análise relevante é a de Kalecki e de Keynes, segundo a qual o lucro é o resíduo da acumulação, já que o investimento, através do multiplicador, determina o nível da renda. Definitivamente, as leis econômicas que explicam o curto e o longo prazo são diversas e muitas vezes contraditórias. Veremos este fato com mais clareza no próximo capítulo.

Dado o total de lucros e o total de salários da economia, temos a taxa de mais-valia, que mede a relação entre trabalho não pago e trabalho pago. Serve de medida da repartição da renda. Na medida em que a taxa de salários se descola do estrito custo da reprodução da mão-de-obra, a taxa de mais-valia deixa de ser também relação entre trabalho necessário e trabalho excedente, para ser apenas uma relação entre trabalho pago e não pago aos trabalhadores. A taxa de mais-valia deixa de ter um caráter quase que estrutural, dentro do sistema capitalista, para assumir o caráter mais modesto de uma variável dependente de uma série de outras, inclusive uma de caráter político, como o poder de barganha dos trabalhadores. A elevação da taxa de salários passa a ser um fator determinante da taxa de mais-valia. Caso a taxa de salários aumente ao mesmo ritmo da produtividade do trabalho, a taxa de mais-valia permanecerá necessariamente constante.

Definidas a taxa de mais-valia e a composição orgânica do capital, temos diretamente a taxa de lucro, que, portanto, é decorrência indireta e está correlacionada com o progresso técnico, seja ele medido em termos de produtividade do capital ou do trabalho, com a composição técnica do capital, com

a taxa excedente, com o custo de reprodução da mão-de-obra e com o poder de barganha dos trabalhadores.

Completando e sumarizando o modelo temos a taxa de lucro como principal determinante da taxa de acumulação de capital. Como veremos na seção seguinte, porém, a taxa de lucro está longe de ser a única determinante da taxa de de acumulação. A taxa de acumulação, por sua vez, além de ter o efeito direto de aumentar o produto, na medida em que aumenta o estoque de capital, tem também um efeito indireto sobre o progresso técnico. A acumulação física de capital realiza-se com a incorporação de técnicas produtivas cada vez mais aperfeiçoadas, que alteram a produtividade do capital ou relação produto-capital, em princípio tendendo a aumentá-la através da incorporação de técnicas poupadoras de capital. Por outro lado, a acumulação de capital também se realiza através da criação e acumulação de conhecimento técnico e organizacional. Esta é uma forma menos clássica mas não menos efetiva de aumento da capacidade produtiva (aqui identificada com a acumulação de capital). A criação e incorporação de conhecimento técnico e organizacional se realizam através da pesquisa científica e do trabalho nas grandes organizações burocráticas públicas e privadas, no seio das quais não apenas a própria produção, mas também o treinamento, a pesquisa e desenvolvimento tendem a realizar-se.

Em qualquer hipótese, seja através da incorporação de progresso técnico nas novas máquinas e equipamentos, seja através do aumento da capacidade produtiva dos homens e das organizações, por meio da educação, da pesquisa e desenvolvimento, e da criação de organizações, a capacidade global de acumulação de capital é a variável fundamental do sistema econômico. Porque a acumulação de capital não é outra coisa senão a disposição do excedente econômico de forma produtiva. Ora, isto se faz tanto diretamente, aumentando-se o estoque de bens de capital, como indiretamente, através da incorporação de progresso técnico em máquinas, homens e organizações.

Fecha-se, assim, o círculo do modelo de desenvolvimento a longo prazo do sistema capitalista representado na Figura I. Percebemos claramente por esse modelo quais são as variáveis fundamentais do sistema capitalista (as quais, aliás, aparecem significativamente no centro da figura). São quatro, sendo duas de caráter *produtivo*: a taxa de progresso

técnico, seja ela medida em termos de produtividade do capital ou do trabalho, e a taxa de acumulação; e duas de caráter *distributivo*: a taxa de salários, que tanto influencia a composição orgânica do capital quanto a taxa de mais-valia, e a taxa de lucro, a qual funciona como o termômetro básico do sistema.